

O OUTRO QUE SOU EU: OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA DE UMA MISSA NA CATEDRAL DE SÃO PEDRO

INGRID ADRIELLE DE SOUZA FREITAS SANTANA¹
LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – ingridsantana_25@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ao adentrar o doutorado em Antropologia minha meta se estabeleceu enquanto o estudo de gênero no âmbito da Religião/Cultura de Matrizes Africanas, o Batuque. E, para otimização e aprofundamento da pesquisa, realizei as disciplinas da pós-graduação que pudessem contribuir com meu trabalho. Em uma dessas disciplinas, no entanto, foi solicitado um exercício de observação etnográfica, que acabou sendo mais que uma observação do *outro*. Refletindo e coletando memórias destes últimos meses, percebo que a maior observação que pude fazer foi minha maneira de lidar com este suposto *outro* e as intensidades e emoções ao longo do percurso. Bem como, as relações intrínsecas, que tanto neguei, entre as Religiões/Culturas que estudo e aquela que observei.

Inicia-se na proposta da observação: minha zona de conforto foi totalmente deslocada e remexida, pois não poderia fazer o exercício sobre as religiões a mim familiares, nem realizar etnografia *online*. Percebi que faria meu trabalho na Igreja Católica. Venho de uma família evangélica (presbiteriana), na qual a Igreja em que cresci foi fundada também pela minha bisavó materna. Ao vir para o Rio Grande do Sul e ter acesso a tantos elementos de materialidades de Matrizes Africanas, me encantei e fiz um contato com a Umbanda para uma disciplina da graduação, quando fui *arrastada*, por meus Orixás e Entidades, a *viver* a Umbanda. Depois de pouco mais de um ano *vivendo* a Umbanda, nasceu minha monografia. Antes de defendê-la, por aconselhamentos internos das pessoas do Terreiro, que me diziam que meu lugar era na chamada Lei de Santo¹ e também pelo medo de não parecer profissional ao apresentar dados sobre uma Religião que era a que frequentava, entrei para o Batuque (que pertenço e também estudo academicamente).

Não podendo escrever sobre as mencionadas Religiões, eu teria que ir à Igreja Católica, mas me debati enquanto pude para não enxergar. Muito porque era *óbvio*, muito por uma *vergonha* de não conhecer esse “óbvio” e, mais ainda, por um medo irracional que senti. Mafra (2013), nos informa uma prevalência do número de Católicos nos Censos, apesar da autora demonstrar tanto uma queda destes números (em detrimento aos grupos evangélicos, por exemplo) quanto também as problemáticas das coletas e análises de tais números. Adentrar uma Religião tida como “dada”, hegemônica e, por tanto tempo, “oficial”, não a conhecendo, a não ser por novelas, filmes ou dados históricos, foi um desafio físico e mental para mim. Precisei tomar remédios, meu coração explodia como se estivesse diretamente nos meus ouvidos, minhas mãos tremiam e meu estômago embrulhava. Tecnicamente, aquilo que era para ser “normal” ou profissional, me tomava mais do que gostaria. Poderia sim ter escolhido algo que me deixasse mais “à vontade”, mas minha teimosia não permitiu. Queria me superar e, mais que isso, queria *estranhar* o “hegemônico” e, posteriormente, quis *compreender* tamanho mal-estar.

2. METODOLOGIA

¹ Santo, para as Matrizes Africanas, traduz-se enquanto Orixás. Portanto, dizemos Lei de Santo quando estamos nos referindo às Religiões que cultuam diretamente os Orixás, como, por exemplo, o Candomblé e o Batuque.

A Igreja que escolhi foi a Catedral de São Pedro, localizada em local também do Calçadão, área comercial de grande fluxo da cidade de Rio Grande. Constantemente passava por ela, em sua absurda imponência. Desta vez, no entanto, não era a Ingrid admiradora da arquitetura histórica, nem a arqueóloga, mas algo novo. Liguei para a secretaria da Igreja no total de três vezes. Depois de me apresentar a duas pessoas, fui encaminhada, finalmente, a falar com Padre Gil. A voz que me atendeu era doce, como uma sabedoria que havia se encarnado e de uma paciência inimaginável. Expliquei, quem eu era, fui parabenizada por estar no doutorado e o padre disse que seria uma *honra* me receber e que eu poderia ir quando e quantas vezes eu quisesse. Após essa troca, ao desligar o telefone, eu chorava copiosamente. Sou naturalmente emotiva, mas isto ia além do que eu mesma considero “normal”. Aquilo foi como uma cama morna para um peregrino no inverno gelado. A sensação de conexão e, ao mesmo tempo, de ser *aceita* me abalaram profundamente.

Ele me informou os horários das missas, também me disse que, eu poderia solicitar um folder a respeito da Igreja na secretaria. Descobri que a Catedral tem um site², onde nos informa sobre a história e processos da Igreja. No site, é possível ver que a Catedral se declara enquanto a *primeira* Igreja erguida no Estado. Inicialmente, só iria observar e anotar o que visse, mas percebo que realizei um exercício de observação participante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fui à missa numa sexta-feira, às 12:10. Saí de casa me sentindo um tanto diferente, mas sem qualquer constrangimento ao caminhar. Ao falar com duas pessoas dizendo que estava indo à Igreja, elas acharam que me referia a uma evangélica e pediram que Deus me acompanhasse. Adentrei a Igreja. Por fora, a Catedral de São Pedro não esconde o que é enquanto templo religioso, mas, para mim, observadora apenas de fora, não poderia imaginar a beleza de seu interior. No exterior, ela é relativamente simples, com portas de madeira de boa qualidade. Mas dentro, perdi o fôlego. Ao lado direito de quem entra, vemos uma pequena “pia” (não sei se de pedra ou madeira), como nos filmes. Também do lado direito, uma porta em madeira, estava fechada, mas lia-se, pelo pedaço de papel colado, que era a Secretaria. Do lado esquerdo, um pouco mais para trás dos bancos que tinham uma madeira embaixo (onde alguns se ajoelhavam), havia 9 cadeiras de madeira. Eram um pouco separadas dos outros bancos, mas ali me sentei.

Nas laterais da Catedral, visualizei cerca de 4 aparadores de cada lado com castiçais e flores nas laterais. Acima deles, via-se Imagens de Santos. O Altar era chamativo, mais recuado e destacava-se pela organização espacial e imponência. Uma imagem grande de São Pedro se colocava acima de todos nós presentes. Abaixo, velas, flores e algo que me recordou muito um túmulo em vidro, com uma imagem que (talvez) representaria Jesus. O público que ali estava do começo ao fim era de mulheres, acima de 40-50 anos. Para minha surpresa, quem mais comandou a missa *foram* mulheres. Iniciou-se, com uma senhora rezando e, posteriormente, anunciando pelo que rezaríamos ali. Após algum tempo, um padre apareceu. Talvez, para quem esteja mais acostumado isto não seja surpresa, mas ele vestia branco, assim como as senhoras que também tiveram controle da missa. Imaginei que o “fardamento” dos padres era a batina preta com colarinho branco³.

² Disponível em <https://www.catedraldesaopedro.com.br>

³ Uma imagem que, depois compreendi, está mais associada aos filmes e novelas.

As músicas⁴ pareciam vir de caixas de som, porém não as localizei visualmente. O padre falou brevemente do Padre Anchieta, a quem chamou de “Apóstolo” e romantizou a catequização indígena, nas palavras dele, “aquilo que fomos ordenados a fazer” que seria “levar a palavra de Cristo onde quer que fossemos”.

Enquanto tudo acontecia, anotava no meu caderninho, mas também “imitava” os gestos quem ali estava no ato de levantar, sentar, etc. Este repetir gestual se deve em muito a minha prática enquanto batuqueira, onde o ensinamento e aprendizado acontece, majoritariamente, pelo observar e repetir. E, aqui, percebo um exercício de observação participante, ainda que não planejado. Uma segunda senhora tomou o púlpito e o microfone e leu uma passagem. Não sabia em que parte da Bíblia aquilo se encontrava. A razão é que não há este livro na Bíblia protestante.

Outra senhora tomou o altar para rezar. As pessoas “respondiam”. Havia certa cadência e repetição que me recordou música. O padre novamente apareceu, para a leitura bíblica. Conhecia a passagem, pois era o livro de Marcos. Após a leitura, o padre continuou sua pregação, mencionou a modernidade e supostas “defesas” que criamos para não aceitar Cristo e nos disse que era necessário ter um *encontro* com Cristo, tal qual São Paulo. Precisamos escutar e *interiorizar a palavra*. Falou que os judeus esperavam um Messias tal qual Davi e, por esta razão, Jesus teria sido crucificado. As sentenças “vida eterna” e “paz interior” pareciam ecoar na catedral de uma maneira natural. Nós precisávamos seguir as vontades e os exemplos de Jesus, pois, o “caminho do justo não é fácil”. Colocou-se um baú no altar para coleta de doações. Senhoras se levantaram e depositaram. Ao lado deste “baú” havia uma senhora também de branco⁵ colocando álcool nas mãos das pessoas. Uma outra senhora entregava a hóstia. O padre anunciou “oremos” e assim foi. Novamente, uma senhora vestida de branco, tomou a palavra e deu alguns anúncios, como o de um amigo secreto da pastoral e que dariam ou alimentos ou itens de higiene pessoal, podendo depositar os presentes na Secretaria. Ela também anunciou que estavam abertas turmas para primeira eucaristia para grupos a partir de 9 anos e uma turma de primeira eucaristia e crisma para grupos a partir de 15 anos. Este “a partir” me deu uma ideia de que, independentemente da idade, poderíamos participar de um processo, talvez, educativo, a respeito da Igreja Católica. Por fim, o padre nos deu uma última benção.

Tive muita vontade de retornar mais vezes. Era um silêncio consentido, uma imponência não forçada que me chamaram a atenção. Voltei tranquila para casa, considerando a minha experiência. É difícil explicar os sentimentos que me acompanharam, mas foram ressignificados no decorrer do meu *estar* em campo.

4. CONCLUSÕES

Muitas coisas me chamaram a atenção. Desde um protagonismo feminino em um local que sempre imaginei totalmente masculino, ao fluxo de pessoas entrando, se ajoelhando, fazendo gestos e saindo da Igreja⁶. Protagonismo feminino este que se liga completamente às práticas de Matrizes Africanas que trabalho.

⁴ Músicas que, na Igreja evangélica, chamamos geralmente de hinos; no Batuque são Rezas, mas estas são cantadas em lorubá.

⁵ Este parecia ser o fardamento de autoridade de quem tinha a premissa de poder falar na hora da missa.

⁶ Algo não frequente na Igreja evangélica. Muito menos no Batuque, onde se você entrar no Terreiro, especialmente na *roda*, você não tem permissão para *ir embora* a não ser em casos extraordinários.

Percebo o quanto as materialidades chamam também a atenção – seja na arquitetura, nas vestimentas, nos buquês⁷, nas estátuas dos Santos, os próprios corpos das senhoras presentes etc. E, mais que isto, consigo conectar, finalmente, as relações da Igreja Católica e Batuque. Nunca aceitei tal ligação (SANTANA, 2019). Para mim, no meu desconhecimento, com um prévio preconceito já existente em mim pelas minhas raízes evangélicas e aumentado pelas injustiças históricas com meu povo do Batuque, eu simplesmente esvaziei possíveis significados desta conexão. Ainda que meu falecido sogro, um Pai de Santo, não houvesse sido apenas coroinha como frequentasse rotineiramente a Igreja Católica; ainda que nossas benzeduras sejam rezas católicas... para mim, mesmo tentando uma “autonomia” para meu povo, desconsidereei que as relações podem ser mais complexas que uma simples *dominação*, em que o mais “forte” vai impor e os outros apenas resistirão ou se esconderão. Nas imagens mais “toscas” que surgiam em minha cabeça antes de ir à missa, imaginei fogo ao adentrar a Catedral. Como se, só de pisar ali, eu seria queimada viva. Como se aquele espaço não pudesse jamais me pertencer, como se eu não *pudesse* estar ali. Ligar para solicitar permissão foi um trabalho hercúleo, pois todo meu ser se recusava. Como uma espécie de trauma que não pertencia necessariamente a Ingrid, mas estivesse, ainda assim, dentro de mim. Quando ouvi o padre Gil sendo receptivo e me elogiando, o alívio foi imenso.

A verdade é que em nenhuma das vezes que fui para campo, fosse na Umbanda graduação ou no Batuque, me senti observando um *outro*. Os espaços Sagrados, independente da vertente Cultural/Religiosa deles, se tornam *também* Sagrados para mim a partir do momento que me proponho a estudá-los. Mas a Igreja Católica, até então, tinha uma imagem “obscura”. Meu mal-estar físico traduzia a minha verdade. E não importava o que minha cabeça dissesse, meu corpo precisava agir por si.

Percebo que a razão disto tudo que me aconteceu antes mesmo da própria observação, me descreve mais enquanto antropóloga que o que descrevo nos textos. Sou naturalmente intensa e nunca me isolo dos meus sentimentos. Nunca observo o *outro*. Porque eu *sou o outro*. Seja lá atrás, ao trabalhar com a Umbanda ou depois migrar para o Batuque, seja agora, nesta breve observação da Igreja Católica. A diferença é que minha zona de “conforto” de mais de 11 anos, me deixou alheia a essa percepção própria de alteridade. E ser a *outra* em uma instituição tão imponente, que não precisa se esconder, pelo contrário, já é tida enquanto Sagrada, apenas por existir, foi apavorante. Mas também foi um exercício em que aprendi muito, aprendi mais sobre meu próprio fazer científico do que qualquer coisa. O que contribuirá para minha tese de doutorado, compreendendo e respeitando os trânsitos entre as Religiões e circularidade cultural, ao invés de ignorá-las por não as apreender.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAFRA, Clara. “Números e Narrativas”. Porto Alegre: **Debates do NER**, Ano 14, n. 24, 2013.
- SANTANA, Ingrid A.S.F. **Codínome Macumba**: a vida na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá e Suas Estruturas Sagradas. Dissertação de Mestrado, UFPel, 2019.